

## A ÁREA DAS CIÊNCIAS E A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO: uma relação de respeito e cumplicidade

*\*Professora de  
Psicologia da Religião e  
Counseling no ITESP.*

*Eliana Massih\**

**Resumo:**

*Massih apresenta o campo da psicologia da religião e sua relação com as ciências em diálogo com a teologia. Sinaliza ainda a importância da psicologia da cultura.*

**Palavras-chave:**

*Psicologia da Religião; Ciências: Teologia; Psicologia da Cultura*

**Abstract:**

*Massih presents some dimensions of Psychology of Religion and its relationship to the other sciences in dialogue with Theology. She asserts also the meaning of cultural psychology.*

**Key Words:**

*Psychology of Religion; Sciences: Theology; Cultural Psychology*

Tenho aprendido muito desde que passei a coordenar a *Área de Ciências* do ITESP. E certamente não se trata de trabalho em excesso. Trata-se sim de um novo olhar, um olhar mais atento para aquilo que desde minha formação inicial, na PUC-SP dos anos 70, passei a vislumbrar. Enquanto a maioria de meus colegas desejava terminar logo a Faculdade para ter seu próprio trabalho em consultório particular (lembrem-se que se tratava de um período de grande crescimento da Psicologia Clínica no Brasil), eu me encantava com a possibilidade de conviver com

as mais diversas visões propiciadas pelas demais ciências. O interessante e saudável disto tudo é que esta abertura sempre me ajudou a desenvolver a escuta clínica e ter a oportunidade de ampliar a clientela.

Mais recentemente, há cerca de 10 anos, aprofundando os estudos em *Psicologia da Religião*, verifico que as coisas vão se juntando e que cada vez mais a Teologia, as Ciências humanas — mas também as exatas e as biológicas, todas *humanas* em suas aplicações! — tem muito a dialogar com a Psicologia, solicitando desta o que de melhor temos a fornecer: a compreensão do funcionamento psíquico em sua interação com a Cultura e a Religião

Como psicóloga, caminhei em primeiro lugar a partir de uma visão psicanalítica ortodoxa, que colocava na pulsão toda a motivação para o desenvolvimento da individualidade; em segundo lugar, compreendendo a visão relacional do ser humano — que colocou em palavras e conceitos o que há de mais óbvio no existir humano: a dependência do outro<sup>1</sup> e, em terceiro lugar, mais recentemente, assumindo a visão da Psicologia Cultural, percebo que adentro o III Milênio com o pé direito. Hoje em dia busco o saber das demais ciências e as convoco para o diálogo com conhecimento de causa.

Por meio da Psicologia Cultural, o ser humano deixa de ser dissecado pelos cientistas e passa a ser multifocado em sua complexidade histórica. Definida de modo geral Psicologia Cultural é uma abordagem dentro da Psicologia que tenta descrever, investigar e interpretar o inter-relacionamento entre a Cultura e funcionamento psíquico.

Trata-se de dissociar a visão psicológica do modelo médico e associá-la à compreensão do meio cultural em que os comportamentos e atitudes se apresentam como fenômenos a serem estudados. Este desdobramento faz a Psicologia crescer e abraçar suas colegas de trabalho: Antropologia, Sociologia, Comunicação e os saberes das artes: Literatura, Cinema, Teatro, Dança, Pintura, Música etc.

O interessante é que esta visão não é exatamente nova, ao contrário, o fundador da Psicologia Experimental Wilhelm Wundt já antevia a compreensão das culturas, povos e sociedades como a única e própria maneira de articular o funcionamento psíquico de modo orgânico e relacional.

Para nós que desejamos ainda compreender a religião, fato humano indissociável de processos evolutivos, é preciso que se lembre que, segundo Wundt, o estudo psicológico da Religião só é possível por meio da Psicologia Cultural.<sup>2</sup>

Wundt contestou a visão de que para entender altos processos psíquicos deveríamos nos restringir a investigar indivíduos.

<sup>1</sup> Cf. E. MASSIH, *Da Ilusão à Utopia*. Em *ESPAÇOS*, 14, (2006), pp. 157-174.

<sup>2</sup> Cf. J. B. Belzen, em palestra proferida no ITESP em 5 de junho de 2008, sobre o tema *Cultural Psychology of Religion: perspectives, challenges, possibilities*, este eminente psicólogo contemporâneo da Religião colocou-nos em contato com a visão histórica da abordagem cultural da religião e da religiosidade humana, indo às fontes da disciplina Psicologia enquanto ciência.

Igualmente, outros pesquisadores deixaram claro que numerosos fenômenos psíquicos como pensamento, aprendizagem, memória etc são dependentes e condicionados pela linguagem e outros processos de nossa aculturação.

Wundt concluiu que a Psicologia deve consistir de dois troncos: em um experimental, psicologia experimental fisiológica, e uma outra que ele denominou Psicologia dos povos (*Völkerpsychologie*), o que poderíamos talvez chamar de Psicologia Social científica ou mesmo Psicologia Cultural. Na opinião de Wundt a psicologia deveria não apenas tomar processos psíquicos individuais como seu objeto de estudo, mas também temas como a linguagem, justiça, ética, costumes, sociedade e religião. Todos estes tópicos são claramente elementos da Cultura: nenhum deles é produzido por alguém individualmente mas são produtos da ação coordenada de vários indivíduos. Linguagem, por exemplo, não é dependente do indivíduo, é a via oposta, o indivíduo, para ser capaz de falar deve adaptar-se à linguagem que já existe.

Hoje em dia caminhamos lado a lado com as demais ciências, fazendo uso de seus recursos metodológicos, de suas descobertas e invenções e, mais ainda, da Teologia, incluindo a religiosidade como modo de ser próprio e privilegiado de estar no mundo.

Para que possamos auxiliar e ser auxiliados pelas demais ciências, tal como uma via de mão dupla, devemos fazer uso de suas visões, olhar para o ser humano a partir deste *dentro* e então fazer eventuais generalizações, sempre com a consciência da importância crucial do contexto histórico cultural em que este ser humano e os fenômenos que pretendemos estudar se inserem.<sup>3</sup>

Há alguns anos atrás, como psicóloga clínica, eu tenderia a pensar que a inserção no meio *analítico* ou no chamado *setting* terapêutico, modificava meu acesso a este ser;<sup>4</sup> hoje compreendo que quaisquer possibilidades de encontro com outro ser humano não deformam esta visão, ao contrário, são inerentes ao estar vivo e presente no mundo como seres que se constituem a partir da Cultura. Através da Psicologia Cultural compreendemos que não há possibilidade de existir humano a não ser na Cultura e pela Cultura.

E ainda, nós psicólogos, mesmo quando não estamos conscientes deste fato, estamos desde sempre instaurados num modo histórico, sociológico, filosófico e teológico de acessar o real. Nas palavras de Belzen (2008): *A relação entre cultura e funcionamento psíquico não pode ser estudada experimentalmente, deve sim ser investigada por métodos desenvolvidos em outras ciências tais como a História, Sociologia, Antropologia etc.*

<sup>3</sup> Cf. E. MASSIH, Uso dos sonhos no *setting* analítico. Em *BOLETIM DA PULSIONAL*, 10 (1997), pp. 43-44. Há mais de 10 anos, preocupava-me o fato de conhecer meu cliente apenas pelo viés do consultório e refletia sobre o modo próprio e científico de se produzir saber em Psicologia Clínica. Na física, o conceito de difração (fenômeno que ocorre quando a fração de um raio luminoso que incide sobre um material opaco atravessa este material, modificando a visão que se tem do mesmo) serve como analogia para esta preocupação.

<sup>4</sup> *Ibidem*. Percebo agora com clareza que o meio clínico não é nem deve ser patologizante, ao contrário, deve permitir o desdobramento de aspectos da personalidade imersos no caldo da cultura e da história de vida do analisando. Só o que não é revisto e re-sentido se cristaliza em forma de trauma ou doença.



Cultura é o lugar em que o ser humano acontece num determinado tempo do mundo. Não há humano sem Cultura e a Cultura é continuamente retocada pelo existir humano. Do mesmo modo a religiosidade de um grupo ou de um indivíduo em particular se manifesta num espaço/tempo específico que *foi se constituindo ao longo da história da humanidade e precisa ser por nós compreendido para ter continuidade criativa e transformadora*. As manifestações concretas da religiosidade/espiritualidade humanas são o objeto de estudo das ciências da religião. O que muda é o viés, o *a partir de onde se olha o fenômeno*. Estaremos assim fazendo ciência desta abertura do humano que se pereniza e se reinstaura a cada dia.

A Religião não saiu de moda! Ao contrário, pesquisa da Data Folha traz em manchete: Jovem se organiza na Igreja.

Dos entrevistados com idades entre 16 e 25 anos, nada menos que 39% participam de grupos ligados as Igrejas. E 59% se declaram católicos ao serem perguntados sobre sua religião *espontânea e única*.<sup>5</sup>

Falar em moda é um jeito jocosos de dizer que a religião é um lugar privilegiado para congregar pessoas em formação, desejosas, mesmo que sem total consciência, de serem trabalhadas em sua historicidade e imersão refletida no meio Cultural.

Como agentes da Religião — seja como pedagogos, professores, orientadores, psicólogos clínicos, comunicadores em geral, padres e/ou religiosos/as — precisamos saber mais e melhor sobre o que se passa com esta *invenção cultural* chamada adolescência.<sup>6</sup> O psicanalista Contardo Calligaris afirma com conhecimento de causa que o cinema e a literatura, narrativas inventadas pelos adultos, é que criaram a figura do adolescente revoltado, ao qual foi confiada a tarefa de encenar as rebeldias inconfessáveis e secretas dos adultos.

Impossível deixar oculta a constatação de que os jovens nada mais são do que uma imagem especular da sociedade em sua coerência e sentido mas também em suas inconsistências e faltas de sentido.<sup>7</sup>

É o que nós professores andamos fazendo ao refletir a cultura em suas transformações aparentemente inexplicáveis mas perfeitamente compreensíveis se deslocarmos nosso âmbito de visão para as realidades vividas, sentidas e re-sentidas pelos jovens em geral e por nossos alunos, futuros padres, religiosos/as da Igreja Católica.

Qual seu percurso, quais suas buscas, como constituem suas identidades seja no âmbito da afirmação de gênero e sexualidade,<sup>8</sup> seja no âmbito da vivência de suas espiritualidades, seja como cidadãos do mundo ou ainda, como pessoas que, passo a passo, narrativa à narrativa, deslocamento de lugares e

<sup>5</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 27 de julho de 2008 (Caderno Especial sobre o Século XXI).

<sup>6</sup> Contardo Calligaris afirma que a *invenção cultural da adolescência nem sequer transformou a maioria dos adolescentes em rebeldes*. Em FOLHA DE SÃO PAULO, 27-07-08, p. 3.

<sup>7</sup> A este respeito, é bom lembrar as intrigantes perguntas feitas por Cazarotto (2006) a respeito das crises de sentido associadas à fragmentação de nossos tempos, à ausência de uma narrativa que carregue consigo ideais ou, em última instância, uma utopia. Cf. J. L. CAZAROTTO, A crise da ação sem sentido: em busca de utopias no cotidiano. Em ESPAÇOS, 14 (2006), pp. 209-220.

<sup>8</sup> Cf. M. FABRI DOS ANJOS, Breves notas sobre a masculinidade. Em CONVERGÊNCIA, 30 (2004), p. 375ss. Márcio Fabri fala de uma nova masculinidade engendrada pelo modo com que os homens são afetados pelas mudanças culturais no universo feminino.

de relacionamentos vão se tornando representantes e representativos da Igreja Católica hoje.

Trata-se de uma movimentação, uma dinâmica que transcende qualquer inércia e fala de um campo de atuação e geração de significados culturais. Nas palavras de Boesch: *Como um campo de ação, cultura não somente inclui e controla as ações, mas é continuamente transformado por elas; portanto cultura é mais um processo que uma estrutura.*<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Cf. E. BOESCH, *Symbolic action theory and cultural psychology*. Berlin, Springer, 1991, p. 129.

A Psicologia Cultural quer conhecer os processos psíquicos em sujeitos contemporâneos e pode fazer isto de forma sincrônica ou diacrônica. Na primeira há uma abstração da variação histórica e pode até acontecer a partir de estudos em laboratório.

No entanto, na segunda, as mudanças históricas no funcionamento psíquico humano são investigadas e explicadas na base das modificações nas condições e determinações culturais. Psicologia Cultural, no geral, é uma aproximação multidisciplinar e pode colaborar com outras ciências sociais e humanas. Na forma sincrônica a Psicologia retransmite informações e eventualmente teorias, conceitos e habilidades da Antropologia, Sociologia e Ciências Políticas, por exemplo, na forma diacrônica a Historiografia e, eventualmente a Biologia Evolutiva, a Neurologia e a Física Quântica estão entre os óbvios parceiros em teorizações e pesquisas.

Outro fato fundamental a ser reafirmado por todos nós da *área das ciências* é que nosso objeto de estudo — religião é espiritualidade das humanas — só pode ser estudado na medida em que incide nas subjetividades pela aculturação e a participação na cultura. Caberá aos teólogos focar estes mesmos objetos a partir da revelação.

Se concordarmos com os resultados desta recente pesquisa veremos que a Religião como fenômeno cultural tem lugar privilegiado no imaginário da sociedade brasileira hoje, seja na visão dos jovens, seja a partir de onde estes mesmos jovens se originam: do mundo adulto que controla as instituições e fornece modelos de comportamento, valores, esperanças.

Estamos todos convocados ao confronto com esta realidade!